



Intersindical dos Eletricitários SC

12/07/90

Nº 101

Gazaniga não recebe a Intersul

"Não me curvo às exigências dos sindicatos e não trabalho sob pressão". Foi esta a frase que o presidente da Eletrosul, Amílcar Gazaniga, disse a centenas de empregados da empresa que lhe foram entregar uma carta no início da tarde do dia 10 de julho. A carta (veja íntegra ao lado) se referia ao compromisso de receber a Intersul para manter um canal para dialogar e tratar de questões pendentes que ele assumiu no seu discurso de posse. O contato, conforme reunião realizada após a posse, deveria se realizar no dia 10.

Na tarde do dia 9, a Intersul (com representantes dos 4 estados) esteve reunida em Florianópolis para preparar a reunião com o presidente da Eletrosul. Na manhã do dia 10, ocorreu uma concentração dos empregados da Empresa antes do expediente, onde os sindicatos deram informes sobre a reunião da Intersul e as questões que seriam tratadas com a presidência.

Qual foi a surpresa dos sindicalistas quando receberam a informação, já na ante-sala da presidência, que não seriam recebidos, pois "o presidente está com a agenda cheia".

Diante da negativa, a Intersul promoveu uma nova concentração na frente da sede no início do expediente da tarde,

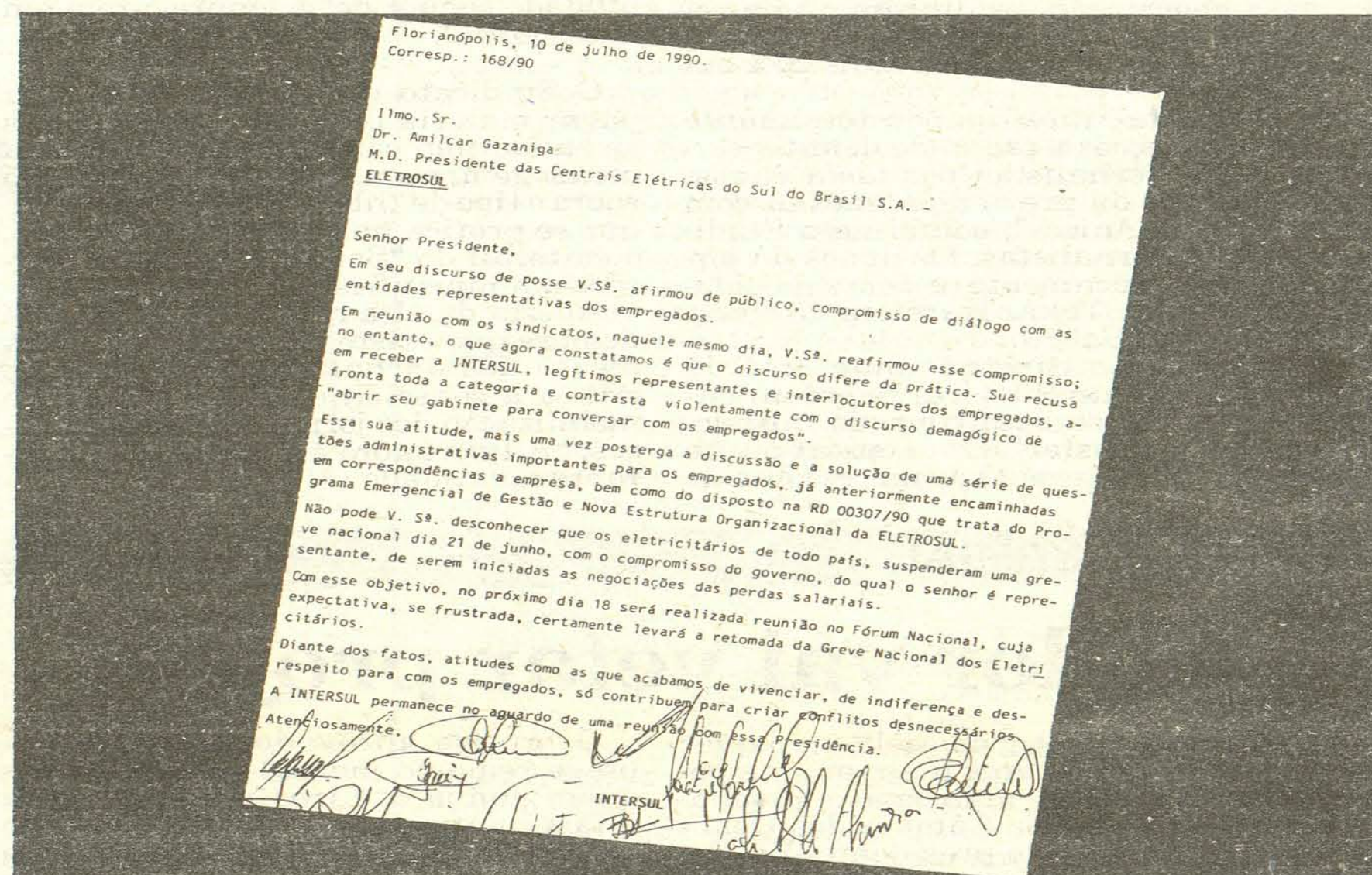
onde ficou resolvido que o coletivo dos empregados iria à presidência entregar a carta onde a Intersul lamenta o ato "do discurso ser diferente da prática".

Gazaniga falou com o coordenador da Intersul, afirmou "não aceitar pressões", indicou um assessor da Diretoria Administrativa para receber os sindicatos e retirou-se grosseiramente entre a multidão de empregados que assistia o fato. A carta foi entregue à secretaria da presidência.

Na avaliação da Intersul, "há uma tentativa de retorno à prepotência e ao autoritarismo, na Eletrosul; um desrespeito às entidades, que conquistaram um espaço para negociar e defender os interesses dos eletricitários". Para os sindicatos, mais uma vez a Eletrosul pode viver momentos difíceis por tentar voltar à prática de destacar pessoas sem poder de decisão para negociar.

A Intersul não reuniu com o assessor da Diretoria Administrativa.

No final da tarde, a assessoria de relações empresariais distribuiu uma nota na sede, anunciando "novos tempos na Eletrosul", e afirmando que o presidente estará disponível para receber os empregados todas as segundas-feiras das 18 às 20h30min. Para a Intersindical o último gesto é uma atitude demagógica.



Índices para a Celesc

A subseção do Dieese dos eletricitários elaborou um estudo sobre as cinco cláusulas econômicas que fazem parte da Pré-Pauta que está sendo levada à assembléia de Florianópolis e à Plenária de Itajaí. É um detalhado estudo, repleto de gráficos e tabelas, que explica muito bem o que deverá ser reivindicado nesta campanha salarial.

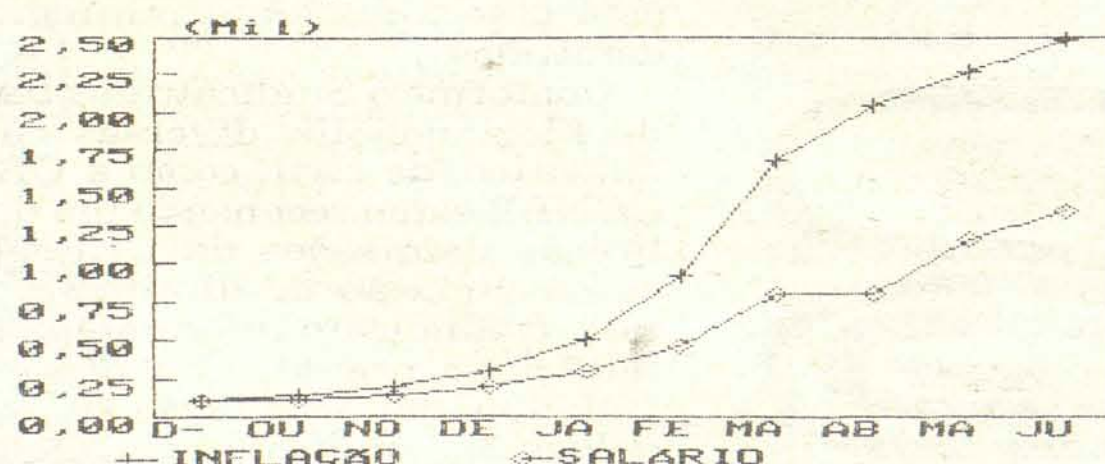
O primeiro item mencionado é a Correção Salarial. "Um reajuste que leva o poder de compra dos salários à mesma situação da última data-base". O economista Clóvis Scherer explica que esse poder de compra não se manteve igual desde outubro, porque os preços aumentaram muito mais que o salário. Pelo IGV — Índice de Custo de Vida do Dieese —, a inflação foi de 2.382,88% até junho, enquanto os reajustes salariais ficaram em 1.234,83%. Para que esta perda seja eliminada daqui pra frente é necessário um reajuste de 86,10%, em 1º de julho.

Para devolver ao trabalhador as perdas que ocorreram mensalmente, aparece na

pauta o abono. O seu valor ainda não pode ser calculado, ou estimado, porque ainda faltam três meses para a data-base. O Dieese defende que os frutos do aperfeiçoamento da produção devem ser apropriados por quem os gerou: o trabalhador. Por isso é reivindicada a produtividade de 10,2%.

Outra questão são os reajustes mensais. Clóvis Scherer coloca que para "o empregado não perder dinheiro e efetivar ganhos de produtividade, é importante que os salários subam no mesmo ritmo e no mesmo momento que os preços". Assim os reajustes precisam acontecer mensalmente, de acordo com a inflação do próprio mês em que os salários são pagos.

O piso salarial reivindicado é o salário mínimo constitucional, calculado pelo Dieese. Em junho ele valia Cr\$ 38.596,00, enquanto o piso da Celesc estava em Cr\$ 16.855,71. Para o economista, só assim o piso estará "sendo capaz de atender às necessidades do trabalhador e da sua família".



Perda salarial será negociada no dia 18

No dia 5 de julho, concretizou-se mais uma conquista obtida pela greve nacional do setor elétrico — a abertura de negociações sobre as perdas salariais. No Rio de Janeiro, 13 representantes do Comando Nacional dos Eletricitários e o Fórum de todas as Empresas do Grupo Eletrobrás estiveram negociando das 10 às 18 horas. Ao final haviam alguns consensos: os trabalhadores não suportam mais um mês sem reajuste, já em julho a reposição necessária atinge os 216% e caso a inflação se mantenha em 10% até novembro, a reposição sobe para 360%. Todos também concordaram que será muito difícil repor todas essas perdas somente na data-base. Mas as empresas não apresentaram uma posição sobre a forma de pagamento dessas perdas e marcaram uma nova reunião para o dia 18.

Por não ter essa posição, o coordenador do Fórum das Empresas, Fausto de Barros Pinto, tentou adiar por duas vezes a negociação com o Comando. Ele preferia deixar a reunião em aberto e confirmá-la somente quando as Empresas tivessem uma proposta. Mas o Comando rechaçou o adiamento e a negociação acabou acontecendo. Segundo o economista da subseção do DIEESE dos eletricitários, Clóvis Scherer, a grande vitória da reunião ficou por conta do reconhecimento do reajuste de 216%. "Com isso eles admitem as inflações pré e pós Plano Collor, numa situação de negociação independente da Medida Provisória 193".

"Se a questão salarial e a discussão sobre o setor elétrico forem deixadas para novembro, estará inviabilizada qualquer negociação na data-base, devido ao agravamento dos problemas e acirramento das partes". Para Delman Ferreira, diretor do Sinergia, esse foi o argumento mais forte usado pelo Comando Nacional para provocar o início das negociações e mostrar a necessidade de um saldo positivo. Algumas lideranças também acreditam nesse resultado. O diretor do Sindicato de Tubarão, José Fontoura Dutra Júnior, é uma delas. "Estamos com muitas chances de obter sucesso na negociação do dia 18. Foi consenso que deve aparecer uma proposta".

No dia anterior ao da negociação, o Comando Nacional Ampliado esteve na Federação dos Urbanitários do Rio de Janeiro preparando a reunião com o Fórum das Empresas. Foi na Federação, que também no dia 5, discutiu-se a organização do III Enel — (Encontro Nacional dos Eletricitários) e avaliou-se os resultados da negociação. O Comando chegou a conclusão que os tempos futuros serão de permanente discussão, com a categoria em constante mobilização e negociação. Em pauta estarão: a proposta dos trabalhadores para a estruturação do setor elétrico, a organização das Empresas, a garantia no emprego e o plano de Cargos e Salários (promoções, concurso público, eliminação das gratificações de chefia, etc...).

Trabalhadores em longa greve

O Plano Collor provocou a maior greve na categoria dos jornalistas que já se viu. Os profissionais de comunicação do Jornal de Santa Catarina estão paralisados desde o dia 25 de maio. A empresa contratou, às pressas, 12 jornalistas para fazer o trabalho de 37. O resultado é visível: o jornal se resume, praticamente, à publicação de releases das assessorias de imprensa e de material das agências de notícias.

Os jornalistas catarinenses, que têm sua data-base em maio, estavam iniciando as negociações em março, quando foram atropelados pelo Plano Collor. A partir daí, os empresários recusaram. As poucas brechas existentes para negociação resultaram numa reposição de 20% (a reivindicação é 166%) em maio e, agora, mais 20% em junho.

O "Santa" interrompeu totalmente as negociações e pretende demitir cerca de 50 jornalistas por justa causa, em função da greve que "mexeu com brios germânicos", conforme o Sindicato dos Jornalistas. Os donos do jornal são praticamente os donos da cidade: Hering, Teka, Karsten, Cremer, Maju e Sul Fabril.

Segundo o diretor comercial do "Santa", Santo Silveira, "a ordem dos empresários é demitir tudo mundo, custe o que custar". E vai custar muito caro, com certeza. O jornal recolhe de

seus funcionários mas não deposita o FGTS. Entre os profissionais que a empresa pretende demitir, têm jornalistas com 10 a 15 anos de atividade no jornal, que também não costuma pagar horas extras.

Nenhum dos grevistas assinou a demissão, e todos aguardam o julgamento do dissídio coletivo, previsto ainda para julho. O juiz Cassiari, relator do processo e o juiz revisor, Amaury Lúcio, já concluíram o seu trabalho, e a expectativa é que haja julgamento imediatamente, pois em função da recusa de uma negociação por parte da empresa, os grevistas estão com o contrato de trabalho suspenso, sem possibilidade sequer de se empregarem em outro jornal.

O Sindicato dos jornalistas tentou pagar matéria para ser publicada nos jornais e não conseguiu veicular sua mensagem, numa clara demonstração sobre o tipo de "liberdade de imprensa" que se pratica no país. Enquanto isso, o editorial do "Santa" falava em "terrorismo injustificado".

Apesar da alta rotatividade de mão-de-obra que existe nas redações, o Sindicato dos Jornalistas acredita que cresce a conscientização e o grau de mobilização dos jornalistas catarinenses. "A luta agora é permanente", garante a entidade.

LEI SALARIAL

Collor vai vetar projeto

Fernando Collor de Mello não quer que os trabalhadores tenham uma política salarial. Nem mesmo a lei salarial aprovada pela Câmara dos Deputados é aceita pelo presidente. Ele determinou que a bancada do governo esvazie todas as sessões do Senado que venham a votar o projeto da Câmara.

Se ainda assim a oposição conseguir quorum, o governo vai obstruir a votação de qualquer jeito. E, finalmente, se a lei for aprovada, Collor vai vetá-la. O presidente só aceita discutir um bônus para quem ganha até três salários mínimos.

O projeto aprovado pela Câmara prevê reajuste mensal pelo IPC para quem ganha até três mínimos. Para a faixa entre três e cinco mínimos, o reajuste pelo IPC é trimestral. Acima disso a regra é a livre negociação. Mas Collor não aceita sequer discutir a indexação prevista no projeto, apesar da inflação de 10% em junho e da expectativa do próprio governo do índice ficar em 15% em julho. O governo está preferindo que deputados e senadores votem logo a Lei de Diretrizes Orçamentárias, para que o recesso inicie automaticamente e só se volte a falar de política salarial em agosto.

CAMPANHA

Plenária da CELESC dia 14

No dia 12, os empregados da Celesc têm várias formas de se envolver na campanha salarial desse ano, às 18 horas no Casa Nova, o antigo Rancho Alegre, acontece a assembleia de Florianópolis, que vai discutir as reivindicações para a pauta. Ele também é o último dia para que os interessados

em participar da plenária de base, que será em Itajaí, procurem o seu sindicato para garantir o transporte. A plenária vai fechar a pauta única, no dia

14, com os resultados das assembleias da área.

"Não pensem que as coisas são fáceis" alerta o secretário da inter-sindical da Celesc, Arno Cugnier. Ele lembra que a última negociação com a empresa demorou quase cinco meses e só foi se resolver quando a categoria se mobilizou. "Nesta campanha a situação é a mesma, tudo indica que a negociação não se resolverá facilmente e se os celesquianos não estiverem firmes, será ainda pior."

Linha Viva é uma publicação semanal da Inter-sindical dos Eletricários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor Responsável: Glauco Marques. Editores: Gastão Cassel (DIRT-RS 6166) e Rosângela da Silva (DIRT-SC 1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Franck Maia. Im-

pressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis-SC. fone: (0482) 22-3866, telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

O socialismo desabou com o muro?

Sandra Werle
Free-lancer para o LV

Um muro construído de idéias e conceitos, separando o globo em duas partes: o mundo capitalista e o mundo socialista, começa a vir abaixo. E na cabeça das pessoas, a imagem que fica é a da ruína, do fim. Mas acabou o quê? O socialismo morreu? O processo histórico que a humanidade assiste hoje, com a tentativa de reunificação das duas Alemanhas, e a abertura da antes impenetrável União Soviética, com a Perestroika de Gorbachev, não permite ainda uma conclusão sobre o futuro de uma ou outra concepção das sociedades. No mundo inteiro, os que estão à direita e à esquerda do muro interpretam de sua maneira e usam de seus meios para levar esta interpretação ao público, perdido numa enorme confusão de informações e desinformações.

Não há dúvida de que informar ou desinformar em qualquer das situações é o instrumento básico para dirigir os efeitos das transformações que acontecem hoje no Leste Europeu. São elas que vão ditar o futuro da direita e da esquerda em todos os países do mundo. No Brasil, não diferente de outros lugares, esquerda e direita política se dividem mesmo internamente, reconstruindo o comunismo esperando pra ver, ou sepultando-o de forma definitiva.

"Ao contrário da falência, o socialismo conseguiu um de seus maiores ganhos. As contradições são mais claras e a sociedade precisa ser repensada", afirma o vereador do PT em Florianópolis, Vítor Schmidt. Ele lembra que em menos de 100 anos o socialismo revelou um conteúdo ético e humanístico, resolvendo o problema do desemprego e da fome, enquanto mais de 200 anos de capitalismo se revelam um fracasso. "Nos países capitalistas, as lutas ainda são pelo emprego, pela educação e comida. O povo socialista promoveu uma revolução pela liberdade, sem fome". Vítor Schmidt acredita que o homem caminha hoje para uma concepção mais elevada da sociedade, que possa definitivamente superar o capitalismo e responder com um socialismo que traga consigo a liberdade e a democracia do acesso às informações, desalienação e ao poder.

A Convergência Socialista, corrente Trotskista do PT identifica as transforma-

ções nos países socialistas como uma revolução que pretende derrubar a burguesia, num processo que cada vez mais avança para o verdadeiro socialismo da democracia operária. Tarcísio Eberhardt, da CSN, defende, ainda dentro do Partido dos Trabalhadores, o apoio total àquelas transformações, entendendo-as não como uma revisão de conceitos, mas como um movimento de massa espontâneo. "A abertura promovida pelos governos, alguns buscando a volta ao capitalismo, é cada vez mais pressionada, e mesmo o governo de Gorbachev já está muito enfraquecido. Não há crise no socialismo, a transformação faz parte de um processo que avança mundialmente para o socialismo".

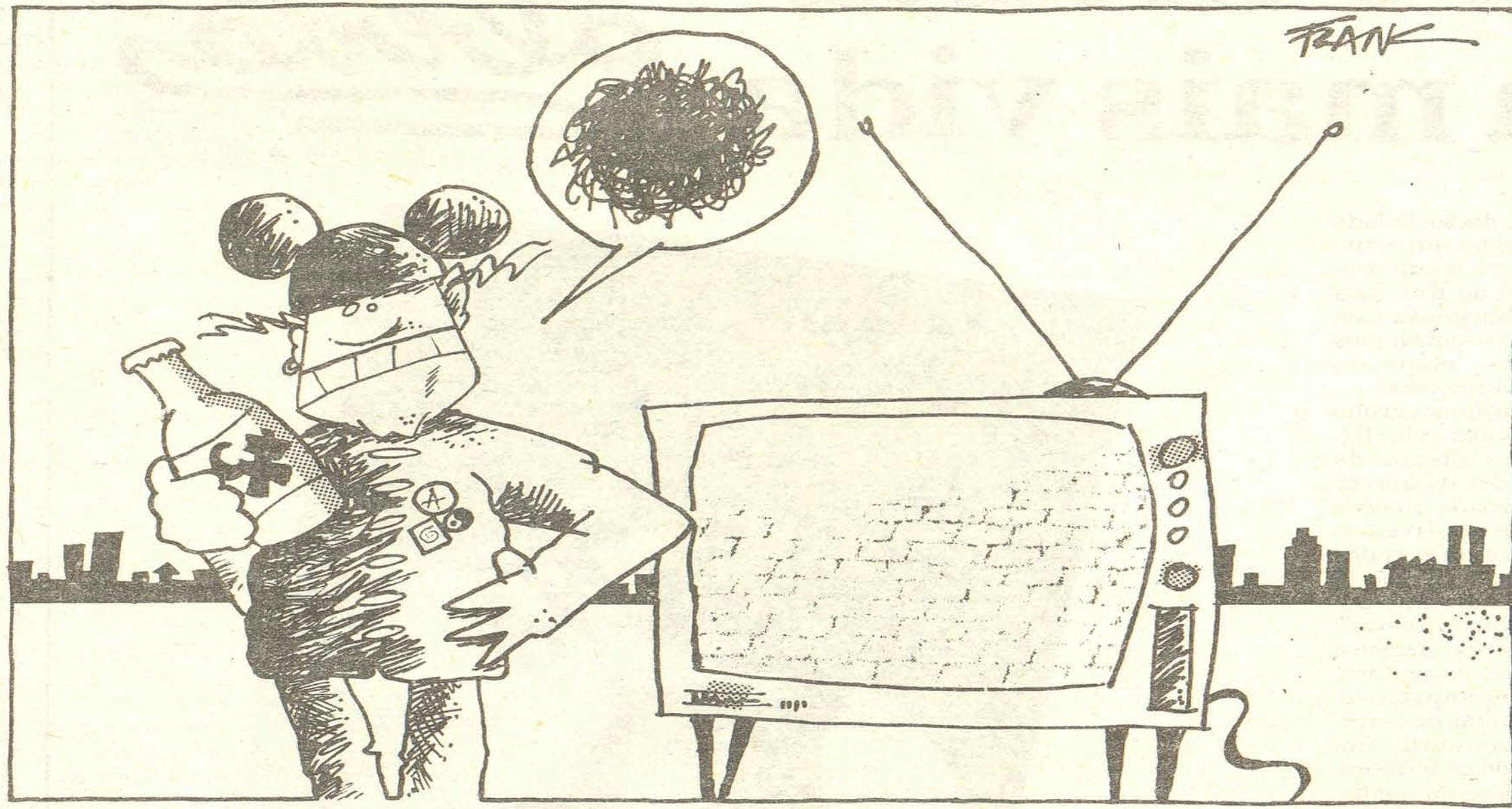
Vereador pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), João Ghizoni resume numa questão sua posição: "Renovação do socialismo? Mas o socialismo é novo!" Ele explica que o que se faz hoje é "vender" a idéia de que o socialismo morreu, numa campanha que pretende esconder a própria crise do capitalismo. A posição do PC do B, de acordo com Ghizoni, foi sempre a de denunciar o desvio promovido dentro dos países socialistas, que a partir do 20º Congresso do PCUS, adotaram uma posição revisionista, que significava a reimplantação do capitalismo. "Este desvio provoca as massas a saírem à rua, combatendo governo que há muito tempo não o são".

Do outro lado do muro, muitos tijolos são



Arquivo Linha Viva

Vítor acredita no socialismo como uma possibilidade para a humanidade e aposta no futuro



usados na construção da sepultura do comunismo. "A utopia acabou", afirma o candidato a deputado estadual pelo Partido Liberal, Rodolfo Pinto da Luz. Ele vê nas transformações que acontecem no Leste Europeu o fim das "verdades absolutas" colocadas pelo socialismo. Rodolfo Pinto da Luz conclui que existe hoje uma discussão forte e permanente da atuação do Estado e que a solução será um meio-termo, com os partidos caminhando para uma linha de centro; de um lado a social democracia e do outro o liberalismo moderno.

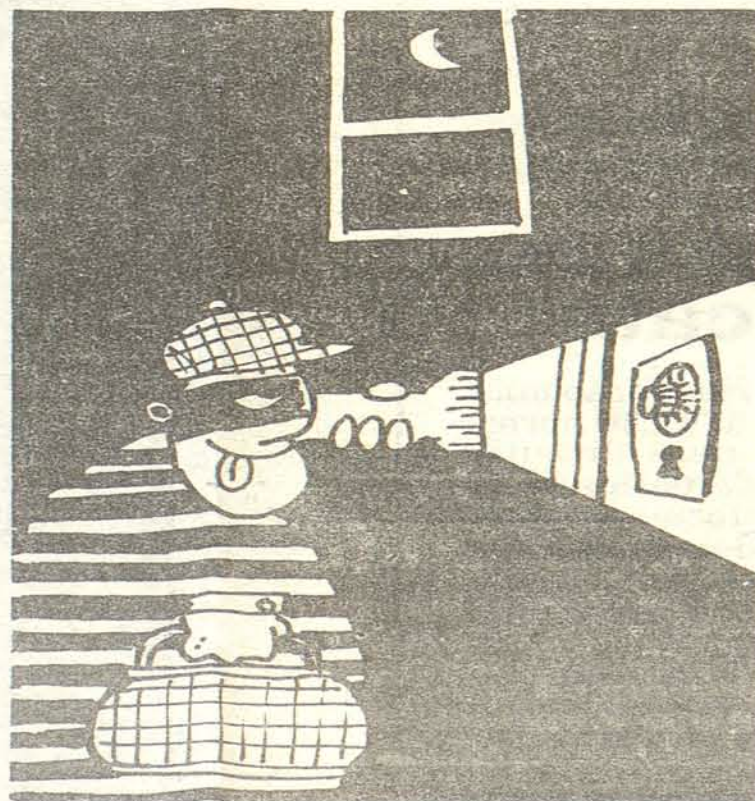
Estas interpretações múltiplas cercam cada vez mais intensamente seus alvos: os corações dos eleitores. São eles que precisam ser atingidos, pois certamente marcarão um "X" no futuro da esquerda brasileira. "Os partidos comunistas deviam fechar, porque este modelo acabou", declara

o candidato do Partido Liberal. "É preciso que se esclareça o processo atual, pois no Brasil, os partidos comunistas devem trocar de rótulo e não terão problemas", resolve o vereador do PT, Vítor Schmidt. "A polémica entre os partidos comunistas traz uma crise final. Dentro da esquerda muitas correntes discutem entre revisar, esperar pra ver e apoiar um processo que só caminha para o socialismo", analisa Tarcísio, do PT. "As dificuldades não influenciam eleitoralmente, e nem mesmo no processo de construção do partido", afirma positivo João Ghizoni, do PC do B.

Entre a morte e o batizado, o trabalhador precisa ultrapassar as barreiras e se abrir para a informação. É através do conhecimento que ele derruba o muro da desinformação e manipulação e, de um lado ou do outro, luta pela sua liberdade.

Revista denuncia novas maracutaia

A revista Isto E/Senhor desta semana está trazendo uma série de denúncias de "maracutaia", na esfera do Governo Federal. Entre elas estaria a utilização de 500 milhões de dólares do programa SOS Estradas sem concorrência pública, favorecendo diretamente as empreiteiras; o envolvimento de empreiteiras como "promotoras" da não eficiência do liquidante da Portobrás que deve apurar irregularidades de outra administração de 100 bilhões de cruzeiros; uma transação de cerca de 600 milhões de dólares, envolvendo nomes como Roberto Marinho, quase entrega boa parte da Tebrás para empresários; cerca de 3 bilhões de dólares resultantes das aplicações no mercado dos fundos de pensões devem passar em poucos dias para a iniciativa privada, após uma assinatura do Ministro Magri; o governo pode ter um prejuízo de 40 bilhões de cruzeiros relativos a um "subsídio" se os agricultores (os grandes) se recusarem a pagar a inflação de março nos seus empréstimos; licitações mal feitas, comissões para atravessadores, entre outras coisas, fizeram um rombo de 850 milhões de dólares na Fundação de Assistência ao Estudante; e tem também o Caso Nec, envolvendo 75 milhões de dólares. Vale a pena ler a reportagem intitulada "Safra de Maracutaia".



Metalúrgico faz greve da Itália

Os metalúrgicos italianos atravessaram a Copa com a bola toda. Liderados por três centrais sindicais, realizaram uma greve geral na metalurgia no dia 27 de junho. A sua principal reivindicação do contrato coletivo de trabalho. A intransigência, especialmente no setor privado, foi a razão do movimento que teve 100% de adesão em todo o país. Eles reivindicam, ainda, jornada de trabalho de 37,5 horas semanais.

Logotipo errado diminui alegria

É verdade que não se tem notícia de algum jornalista que, ao ver impresso o resultado do seu trabalho, esteja plenamente satisfeito. Mas é necessário que se diga que para a equipe do **Linha Viva** um erro gráfico quase estragou a festa do lançamento do n.º 100. Ocorre que o logotipo do jornal foi agredido por uma falha banal: o quadro cinza que faz fundo às inscrições foi jogado por cima do corpo e de parte do rosto do Urbaninho. Foi falha grave do arte-finalista, que comprometeu simplesmente a capa de nossa edição comemorativa. A arte final é responsabilidade da Imprefar.

TRIBUNA Livre

José Luiz Fonseca da Silva F:
Empregado da Eletrosul

Time que está perdendo tem que ser mudado

Neste momento em que mais uma vez está sendo trocada a Diretoria da ELETROSUL, aparece com maior nitidez o absurdo, que é este "processo" de escolha de seus nomes, tanto para os empregados da ELETROSUL, como, principalmente para a sociedade que é, de fato, a proprietária da Empresa. Ainda não tivemos aqui uma diretoria com uma visão essencialmente empresarial.

Como consequência de disputas políticas, de vaidades pessoais, de disputas pelo poder??, e de outras disputas, tivemos como resultado, diversas diretorias que analisando — não precisa nem ser meticulosamente — percebe-se que não tem nada a ver uma com a outra, evidentemente no que diz respeito aos interesses da Empresa. Em cada diretoria, analisando seus componentes, também percebe-se uma descontinuidade ou qualquer coisa que queira dizer que um não tem nada a ver com o outro. Tivemos por aqui diversos diretores que não tinham como objetivo o melhor para a ELETROSUL. Tivemos diretores que até hoje não entenderam o Setor Elétrico Nacional e até mesmo a própria ELETROSUL.

Isto não deve ser utilizado para condenar estas pessoas, que afinal de contas deviam estar atendendo a outras pessoas, ou apenas alimentando seus egos, para poderem entrar naquela — "olá mamãe, estou aqui...". Deve este processo de formação de diretoria ser veementemente condenado. Não está dando resultados. Está derrotado. Devemos incinerá-lo.

Devemos enterrar-lo. Não dá mais. É muito arcaico. É muito caro para a sociedade. Vir aqui, espremer, puxar para um lado, puxar para outro, depois bater as mãos, espanar a poeira, arrumar a gravata e ir embora... não dá mais. Temos que iniciar urgentemente esta discussão. Temos que buscar um processo que indique pessoas mais comprometidas com a Empresa, com o Setor, com a sociedade.

Esta linha de — não ganhou eleições vai para ELETROSUL — tem que manter um partido vai para a ELETROSUL — tem que arrumar um trampolim para alguma coisa vai para a ELETROSUL, não dá mais. Isto é vergonhoso.

Hoje, todos os que dizem que querem o bem da ELETROSUL, que estão ou irão trabalhar visando uma sociedade mais justa, devem entrar nesta discussão. Já tivemos não sei quantos empregados que foram diretores, mas estes firmam seus compromissos muito longe do Pantanal. Queremos a Empresa ELETROSUL. Então temos que colocar gente que tenha esta visão, e conheça a ELETROSUL, bem mais do que pelos jornais.

Devemos discutir o perfil da diretoria. Devemos eliminar as aberrações que já aconteceram, que estão acontecendo e irão continuar acontecendo se nada for mudado, e tudo — salienta-se — com muito prejuízo para toda a sociedade.

Entendemos que esta diretoria que assumiu recentemente, possa ser uma espécie de diretoria de transição; ser a última a ser formada por "critérios" desconhecidos pela sociedade e que efetivamente atende a poucos. A sociedade, proprietária, interessada nos serviços da Empresa, não sabe como é composta cada diretoria. Nunca foi mostrado à ela que fulano de tal ocupa diretoria tal porque tem um primo que é vizinho de um cara que deu o toque para que o tal fulano de tal fosse indicado diretor, e deu certo; ou ainda porque o fulano de tal tem um parente que colaborou na campanha política não sei de quem.

Isto deve ser colocado claramente para a sociedade, e até que, muitas vezes, estes mesmos que estiveram por aqui, promovendo a maior zorra administrativa, financeira e ética, vão para a televisão ou palanques dizer que as estatais são ineficientes e coisa e tal.

Os empregados e a sociedade não suportam mais. Queremos um processo que conduza à diretoria pessoas capacitadas para o exercício da função, representativas, que conhecendo e compreendendo o passado do Setor e da Empresa, tenham sensibilidade para conduzi-la como Empresas.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

A vida levou o artista que só queria mais vida

Samuel Lima
Bancário e jornalista

A hipocrisia perdeu um de seus maiores inimigos. A morte de Cazuza, poeta, cantor e compositor, aos 32 anos, deixa um vazio na música popular brasileira que dificilmente será preenchido. Não apenas pelo inquestionável talento do roqueiro, mas pelo conteúdo radicalmente contemporâneo de sua arte.

Cazuza viveu profundamente seu tempo, retratando na sua produção poética e musical as contradições de um final de século onde tudo acontece rapidamente, mas onde, também, as coisas acabam não acontecendo, onde as pessoas são mais frustrações do que realização. Nos seus versos ele denunciou a nossa era como "um museu de grandes novidades".

No meio da explosão do rock nacional, no início dos anos 80, surge o grupo Barão Vermelho, com um vocalista que interpreta marcantemente canções de letras contundentes, como os acordes metálicos das guitarras. Era Cazuza o cantor e o autor da maioria dos poemas. Com a marca registrada de seu líder, o Barão Vermelho destoava entre dezenas de grupos de rock, especialmente por trazer temáticas fortes, em versos corrosivos. Era muito diferente da "estética da abobrinha" de tantos outros grupos.

O ataque à hipocrisia da sociedade foi o tema preferido de Cazuza. Mesmo nas suas composições mais românticas aparece a falsidade como valor assimilado pelas pessoas, coisa que não se cansou de denunciar. "Pra que usar de tanta educação, para destilar terceiras intenções", disparou ele no meio de uma balada romântica.

A denúncia que Cazuza fez da sociedade foi sempre profunda. Ele nunca foi um artista "engajado", aliás nunca negou a sua condição de "garotão" da zona sul do Rio, mas atacou a ordem da sociedade burguesa com uma voracidade que em poucos palanques já se ouviu: "a burguesia fede... enquanto houver burguesia, não vai haver poesia".

O jovem que depois do sucesso de seu grupo musical partiu para uma carreira solo, firmando-se como um dos maiores talentos da atualidade, sentia na carne a dor de querer viver intensamente numa sociedade hipócrita. Ele foi fundo na busca das mais diversas emoções, e atacou quem o criticou e reprimiu. "Te chamam de ladrão, de bicha, macanheiro, transformam o país inteiro num puteiro, pois assim se ganha mais dinheiro", desabafou em um de seus maiores sucessos.

Mas o artista conseguiu, em sua poética, combinar coisas geralmente incompatíveis. A estética das letras e das melodias de Cazuza é agressiva mas bela, direta e sutil, contundente e sublime, transitando com desenvoltura no limiar da realidade e do sonho. Fazer denúncia sem fazer panfleto, tripudiar sem perder a elegância coisas que só um verdadeiro poeta pode fazer.

Vivendo num mundo contraditório e numa sociedade hipócrita, ele sabia que não havia valor maior do que a vida. E buscou a vida e seus prazeres com toda a força e desprendimento. No presente, para Cazuza, estava a síntese do possível e do impossível, da possibilidade de realizar. No presente ele foi mais ele.

E foi a incansável busca do viver que o conduziu para a morte entre a glória e o preconceito. Um dia ele teve que admitir que

"o meu prazer é o risco de vida", mas não renunciou a vida nem ao prazer. E assim, escreveu, compôs, gravou e viveu até as últimas chances. Morreu de AIDS mas não morreu de tédio.

Para compreender o nosso tempo é neces-

LINHA

aberta



sário conhecer um pouco dos poemas deste roqueiro. É um testemunho de quem viveu em radical simbiose com seu tempo. Para compreender nosso tempo vamos ter que ouvir rock e assimilar a única verdade inextinguível: "o tempo não pára".

Uma festa para o novo Linha Viva

O **Linha Viva** n.º 100 foi lançado com festa em Florianópolis. No final da tarde de sexta-feira, dia 06 de julho, cerca de 150 eletricitários estiveram no bar Rancho do Amor a Ilha, para comemorar o lançamento da centésima edição do jornal da categoria. A festa, regada a chopp, foi organizada pela Diretoria de Cultura do Sinergia.

No meio da alegria, o assunto não poderia ser outro: a nova apresentação gráfica e a linha editorial inovadora que o LV está assumindo. Compareceram à festa, além de eletricitários da Celesc e Eletrosul, lideranças de outras categorias, como bancários, professores estaduais, empregados da Casan, entre outros.

O ambiente foi preparado pelos organizadores em um clima muito cultural. Pelas paredes do bar foram distribuídos painéis com uma retrospectiva das cem edições do LV, além de murais com jornais literários e fotográficos.

O ponto alto, no entanto, foi o decerramento de uma placa, feito pelo pessoal do Departamento de Imprensa. Só que a placa que deveria conter dizeres que definiam o bar como "ponto de encontro dos eletricitários", devido ao fato de ter sido inaugurado durante a greve do Eletrosul de 1988, não estava presente. A empresa que foi contratada para gravá-la não completou o serviço a tempo. Assim, para a surpresa de todos,

foi decerrado um cartaz com o letrero "breve aqui, placa". E a diretoria de cultura garante que a placa vai estar lá mesmo, o que já pode ser motivo para outra festa.

Durante a festa foi lançada, também, uma camiseta comemorativa com a capa do LV n.º 100 estampada na frente. A peça foi feita em número limitado e pode ser adquirida no Sinergia pelo preço de Cr\$ 700,00 (malha de exportação). Os interessados devem correr, pois as camisetas estão no fim.

Fotos: Cláudio Ehrensperger



Festa foi no "ponto de encontro da categoria"



Dinovaldo, diretor de cultura

HISTÓRIA

Literatura vai ser tema de exposição

"A literatura catarinense nos anos 80". É este o nome da exposição que o Sinergia vai promover em breve, em conjunto com a Biblioteca Pública do Estado, com o apoio da Elase.

Trata-se, nada mais nada menos, que uma mostra de toda a produção literária (contos, crônicas, poesias, novelas, romances) editados durante os anos 80 no Estado.

É uma representação significativa da literatura catarinense.

ORGANIZANDO

Escritores podem criar sindicato

Os escritores de Santa Catarina farão uma assembleia no dia 14 de julho, às 19:30 horas, na sede da sua associação, para discutir questões relativas ao futuro da entidade. A Associação poderá ser transformada num Sindicato, ou simplesmente deixar de existir. O atual presidente da associação, José Gomes Neto, teme que "se não houver uma participação efetiva dos escritores seis anos de luta estarão se perdendo". No mesmo dia estarão se encerrando as inscrições de chapas para concorrer a diretoria da entidade.